

ENTREVISTA

Com quantos livros se faz um leitor? Novos desafios
em literatura, leitura e formação do leitor

How to form a successful reader? New challenges
in literature, reading and reader formation

Alexandre Manoel Fonseca¹

A entrevista é dividida em duas partes. As duas foram compiladas para que o leitor possa entender a complexidade dos processos que envolvem a literatura: desde os primeiros passos enfrentados pelo aluno (letramento literário), até o valor do escritor e sua relação com o leitor. Na primeira, o escritor e professor de português no distrito de Vista Alegre, Claro dos Poções (Norte de Minas), Fábio Gonçalves, discorre sobre suas experiências dentro da sala de aula em relação à formação do aluno-leitor, o letramento literário, e também sobre sua dissertação de mestrado intitulada de *Letramento Literário: do acesso à leitura literária à formação leitora*. A segunda parte, focada em compreender o processo de leitura, especialmente a leitura literária, e a formação do leitor, foi realizada com o doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), e Pós-doutor em Literatura Comparada pela Universidade Nova de Lisboa, Alex Fabiano Jardim. Atualmente, Alex atua como professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Mestrado em Letras – Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), na qual ministra a disciplina “Leitura, Literatura e a formação do Leitor”. Fábio Gonçalves acumula uma experiência de 30 anos no magistério. Alex Jardim leciona filosofia e observa as mutabilidades do leitor.

¹ Jornalista e mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários, da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Campus Universitário Prof. Darcy Ribeiro.

Revista Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 17	n. 30	p. 321 - 334	Recebido em: 14 nov. 2015. Aprovado em: 04 dez. 2015.
-----------------------------	----------------------	-------	-------	--------------	--

1 OS NOVOS DESAFIOS DA LITERATURA

Alexandre Fonseca: **Hoje, o acesso à leitura foi facilitado por diversos fatores, internet e programas governamentais e não governamentais. Entretanto, professores enfrentam cada vez mais a resistência dos alunos com a leitura. Como explicar esse fenômeno?**

Fábio Gonçalves: Em função das políticas governamentais e não-governamentais de incentivo à leitura, por meio de programas específicos e com o advento da Internet, a leitura alcançou um patamar nunca antes conquistado. Há que se considerar que o avanço da tecnologia possibilitou uma expansão do acesso à leitura. Os indivíduos, principalmente os jovens e adolescentes, de certa forma, estão lendo mais, afinal, a realidade atual exige uma nova postura leitora. Entretanto, a dificuldade enfrentada pelos professores no tocante à leitura se deve, talvez, à forma como o processo de leitura, na escola, é canalizado. A leitura ainda é trabalhada de forma obrigatória, somente com propósitos avaliativos. Os mecanismos de leitura propostos pela escola são muitas vezes maçantes e repetitivos e não alcançam os alunos em suas necessidades.

Para que a leitura, principalmente a leitura literária se desenvolva, é preciso, antes de tudo, conhecer a realidade leitora dos alunos, seus anseios e suas vontades. Partindo desse diagnóstico, é interessante motivar e estimular os alunos com metodologias variadas e ações inovadoras de incentivo à leitura.

A. F.: Qual a relação entre o trinômio aluno-professor-literatura?

F. G.: Trata-se de uma relação de parceria. De um lado, o aluno, com seu histórico de leitor, suas necessidades e dificuldades, suas vontades e seus anseios. Do outro, a literatura, como arte da palavra, expressão do pensamento e do sentimento humanos, rica de possibilidades. O professor, nesse contexto, surge como o mediador entre o aluno leitor e a literatura. Seu papel fundamental é apresentar ao aluno a literatura como um elemento de formação e de transformação, sem, contudo, excluir os seus propósitos de prazer, deleite e entretenimento.

Mediar a leitura literária é tornar-se cúmplice das buscas

e descobertas inerente ao ato de ler. Cabe ao professor estimular o aluno a percorrer os caminhos da leitura literária. Sua função é orientar, conduzir, estimular a aprendizagem, por meio de um trabalho dinamizado e interativo, construindo, além do conhecimento acadêmico, os valores, habilidades e atitudes necessários à formação do caráter e a busca pelo conhecimento. Para isso, é necessário que o professor seja, antes de tudo, um bom leitor.

A. F.: Podemos falar de “alunos-leitores” e “alunos-não-leitores”? Se sim, quais as diferenças entre ambos?

E.G.: Depende do que se propõe. Que tipo de leitor eu espero construir? Que tipo de leitura eu espero promover nesse indivíduo? No contexto escolar, o que é um aluno leitor e um aluno não-leitor?

A escola, geralmente, considera um aluno como leitor em potencial quando este responde à sua proposta educativa, no contexto escolar. Mas entendemos que as leituras se processam ainda no cotidiano, no contexto sócio-cultural do aluno, fora da escola. Nestas situações, normalmente, os alunos se saem bem em muitas situações. Procedem à leitura de mundo e conseguem resolver seus problemas longe dos olhares da escola.

Muitos alunos são ávidos pela leitura literária e visitam a biblioteca escolar com frequência. Outros não. Preferem outros tipos de leitura. Ainda assim, são leitores. Tudo dependerá do estímulo que receberam ainda na infância e as necessidades a que estão submetidos.

Não acredito que haja alunos totalmente não-leitores. Conheço alunos que não se saem bem na escola, no entanto, conseguem ler e compreender placas de trânsito e textos midiáticos via internet, através das redes sociais. Eles têm acesso à leitura, ainda que de forma restrita, portanto, são leitores em construção.

A. F.: Nos seus anos de sala de aula, qual foi a principal mudança notada no perfil do aluno em relação a leitura?

E. G.: Antes, os nossos alunos não tinham acesso a outras leituras a não ser a leitura oferecida pela escola, a qual se resumia a textos literários fragmentados, textos presentes nos livros didáticos e leituras literárias indicadas pelo professor, no intuito de avaliar quantitativamente a habilidade de “captação” de informações, segundo a ótica do professor. Eram passivos e acreditavam

*Com quantos livros se faz um leitor?
Novos desafios em literatura, leitura e formação do leitor*

*How to form a successful reader?
New challenges in literature, reading and reader formation*

cegamente nas informações trazidas pelo professor. Não havia nenhuma possibilidade de inferência, nem de contestação. A leitura não lhes “provocava” reflexões. O professor era o sabe-tudo e os alunos não ousavam desafiá-lo.

Hoje o contexto é diferente. A proposta também é outra. O professor não é mais considerado o detentor de todo o saber. É a ponte que faz a comunicação entre o aluno e o conhecimento. No processo ensino-aprendizagem, o professor se situa como o mediador do conhecimento, o estimulador e o condutor do processo.

É claro que notamos um distanciamento do aluno em relação à escola e à busca pelo conhecimento acadêmico, em função da proliferação das tecnologias, mas as possibilidades de aprendizagem também se ampliaram. Por isso é necessário que o conhecimento do professor também se amplie. Há professores que mantêm o conhecimento de 20 anos atrás com estas novas gerações de alunos. Com isso vão perdendo espaço e credibilidade. Outras fontes de conhecimento vão se abrindo e é necessário lançar mão delas. A internet e a evolução tecnológica, por exemplo, são importantes mecanismos de aprendizagem e precisam ser exploradas, não ignoradas, como vemos em algumas realidades.

A. F.: No título da sua dissertação você utiliza a expressão “formação leitora”. O que seria essa formação? Como o professor pode interferir nessa formação?

F. G.: A formação leitora constitui-se de todo o caminho percorrido pelo indivíduo desde os primeiros contatos com a leitura. Não é, na verdade, um ato isolado ou estanque, mas um processo de construção gradativa que se estabelece agregando muitos e variados elementos. O conhecimento do aluno leitor, sua história, seu histórico de letramento e suas habilidades leitoras são partes desse processo.

O processo de leitura é constituído com análises das várias realidades existentes no contexto escolar e se constrói com a implantação de metodologias adequadas e estimuladoras da leitura. Formar leitores é abrir possibilidades variadas, é criar e ampliar novos espaços, é provocar no aluno o desejo de buscar na leitura as suas referências. Tais ações precisam ser compreendidas pelo professor que, atuando como mediador da leitura, contribuirá efeti-

vamente para a formação leitora desses indivíduos.

Todo conhecimento é válido. Ao ingressar na escola, os alunos já trazem, na bagagem, leituras processadas ou em construção. À escola caberá valorizar tais conhecimentos e estimulá-los e ampliar cada vez mais a formação leitora.

A. F.: Ainda sobre sua dissertação. Em que consiste o letramento literário?

F. G.: O letramento literário é a condição ou o estado de quem não apenas é capaz de ler um texto em verso e prosa, mas dele se apropriar efetivamente por meio da experiência estética, saindo da condição de mero espectador para a de leitor literário. A leitura literária possibilita ao indivíduo mergulhar em outros mundos e viver experiências novas de vida, sentimentos, emoções e reflexões. Da fantasia à realidade, a leitura acompanha o leitor por toda a existência, ampliando a compreensão do mundo, de si mesmo e da vida como a maior e mais real experiência de leitura.

O letramento literário pode ser ainda considerado como o resultado do processo de ensino ou de aprendizagem da leitura por meio da literatura e de sua utilização como prática social.

A. F.: Atualmente, livros como *Harry Potter*, *Percy Jackson*, *A culpa é das estrelas* têm lugar garantido nas prateleiras e mochilas da maioria dos jovens. Alguns professores afirmam que esses livros possuem certa carência de literariedade. Como resolver esse dilema em sala de aula? Usá-los ou não?

F. G.: Defendo a leitura em todas as suas possibilidades. Ler é um ato individual e se processa gradativamente por meio de experiências vividas ao longo da vida. A literatura possui um caráter inventivo, estimula a imaginação e o pensamento crítico. Cabe à escola, estimular a leitura e apresentá-la aos alunos, sem restrições ou preconceitos.

As obras citadas, ainda que não façam parte do cânone e sejam carentes de literariedade, traduzem o universo jovem e revelam os interesses, emoções e anseios deste público que se vê nelas representado. O prazer de ler começa com essa liberdade de escolha.

Toda leitura deve ser estimulada. A escola precisa democratizar e ampliar seus espaços de leitura e promover ações que valorizem o ato de ler.

Com quantos livros se faz um leitor?
Novos desafios em literatura, leitura e formação do leitor

How to form a successful reader?
New challenges in literature, reading and reader formation

Ler é como comer. As crianças e adolescentes gostam de comer tudo que lhes agrada ainda que não seja considerado saudável. Mas precisam ser educadas e estimuladas a se alimentarem cada vez melhor. A escola deve ampliar as possibilidades de leitura de modo a permitir que todos tenham acesso a ela seja canônica ou não. A partir daí desenvolvem-se as habilidades de leitura. E essa construção da habilidade leitora é gradativa e demanda tempo.

A. F.: Na obra *Por que ler os clássicos*, Ítalo Calvino fala que “De fato, as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida”. Como as experiências pessoais de cada aluno influenciam no gosto pela leitura, ou até compreensão de um livro? O professor pode ignorar essas experiências pessoais e intransferíveis?

F. G.: De fato, as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela pouca experiência de vida dos leitores nessa faixa etária. Contudo, não são menos importantes. A experiência da vida lhes trará maior amplitude na compreensão.

As experiências pessoais de cada aluno, suas vivências e suas leituras de mundo são elementos importantes no processo de leitura e já foram defendidas por Paulo Freire em *A importância do ato de ler*. Compreender uma obra ou um texto dependerá dessas vivências. É nesse sentido que o aluno leitor geralmente busca na leitura aquilo que lhe é familiar, coerente com a própria vida e suas experiências.

É por isso que defendo o conhecimento do histórico de leitor desses alunos. O professor não pode ignorar tais vivências. Ao contrário, deve tomá-las como pano de fundo para o processo de formação leitora desses alunos. A leitura só terá significado para o aluno se fizer, de algum modo, algum sentido para ele. A leitura só fará sentido se for sentida.

A. F.: Ainda sobre experiências e alunos. Quais as suas abordagens dentro da sala de aula na prática do letramento literário?

A sala de aula, para mim, não é simplesmente o espaço físico, condicionado, fechado entre quatro paredes, mas todos os

espaços onde as mais variadas ações educativas se estabelecem.

Nestes espaços, procuro ser o mais democrático possível no tocante à leitura literária. Em qualquer deles, as abordagens giram em torno da leitura como um ato de libertação. Se queremos ser livres, precisamos ler. A leitura, sendo um ato individual precisa ser respeitada. Não concebo obrigar alguém a ler. Procuro estimular, incentivar, motivar, estabelecer conexões da leitura com o aluno e seu mundo e mediar esse processo. As escolhas dos alunos precisam ser entendidas como uma busca pela identidade. As metodologias utilizadas durante o processo de leitura são aplicadas de modo a atender a todos. Por isso não pode ser uniforme, senão não atenderá às diferenças.

Conhecer o leitor, sua história, suas dificuldades e seu acesso à leitura são elementos importantes para desenvolver a prática da leitura e, conseqüentemente a formação leitora. Comparo este procedimento como uma semeadura, uma espécie de metáfora, defendida nas minhas comunicações em congressos: cada aluno é um canteiro com características muito particulares. O professor, que aqui trataremos como um agricultor, conhecendo o terreno, saberá de suas necessidades e lhe destinará as sementes adequadas, respeitando seu tempo de germinação, sua sensibilidade à luz, sua necessidade de água, assistindo-o com a quantidade certa de adubo. As respostas serão diferentes. As leituras serão diferentes. Daí reafirmo que não se pode esperar de uma turma heterogênea, com 35 alunos de vivências e realidades diferentes, com diferentes históricos de leitores, a mesma visão literária, a mesma interpretação e as mesmas impressões captadas de um texto ou de uma obra literária. Creio que a riqueza da leitura de uma obra advém daí, dessa infinita possibilidade de interpretações e análises.

Além dessa, outras posturas permeiam o trabalho em sala de aula. A liberdade das escolhas das leituras incentiva o prazer de ler. Ao avaliar, procuro democratizar as metodologias, valorizando o saber de cada um e suas habilidades em explicitar suas leituras. Esta liberdade se manifesta em produções criativas que vão desde apresentações em slides, montagens de pequenas peças teatrais, paródias musicais, produção de cartazes, ilustrações variadas, pinturas e outras tantas. Tais atividades valorizam o saber e o talento dos alunos. O resultado é sempre surpreendente.

*Com quantos livros se faz um leitor?
Novos desafios em literatura, leitura e formação do leitor*

*How to form a successful reader?
New challenges in literature, reading and reader formation*

Quando o trabalho com a literatura exige que a obra seja única, a metodologia para apropriação dessa leitura precisa alcançar a todos. É aí que o professor precisa estar “atenado” e promover ações inovadoras de compreensão do texto lido.

A. F.: Como sociedade inteiramente mergulhada no universo tecnológico, quais os novos desafios dos professores em relação à tecnologia?

F. G.: O livro vai existir sempre, impresso ou virtual, independente das inovações tecnológicas. O modo de ler é que, talvez se modifique, mas o ato de ler permanecerá. É isso que precisa ser defendido. O uso dos computadores, *tablets*, celulares e *smartphones*, principalmente pelos adolescentes, pode, antes de tudo, contribuir para ampliação da leitura e, de modo especial, da leitura literária.

Muitos professores têm dificuldade de lidar com esses elementos, mas precisam entender que a tecnologia deve ser encarada como um importante suporte para a apropriação da leitura. Mais do que temer, é preciso descobrir o valor de tais tecnologias para o trabalho com a leitura e lançar mão dessa possibilidade.

Os professores precisam desconstruir alguns conceitos e abrir espaços para novas experiências. Não se pode mais trabalhar como há 20 anos. Quadro, giz, cadeiras enfileiradas e um livro didático não são mais suficientes para promover o aprendizado. É preciso ampliar os espaços educativos e aprimorar os mecanismos de apropriação da leitura. A tecnologia está aí a serviço da leitura. Tudo faz parte do processo de formação leitora, do letramento.

A. F.: Desde que escolhi me aventurar na literatura, tenho ouvido alguns afirmarem que a literatura não serve para nada. Mas, na prática, notei totalmente o contrário. Afinal, qual a importância da literatura na vida do aluno? Essa importância extrapola as paredes da sala de aula?

F. G.: As pessoas, normalmente, desconhecem o poder transformador da literatura. Além de despertar o prazer e o deleite, a literatura instrui e educa. Com isso, atua na formação e constituição do ser humano, tornando-o autônomo, libertando-o e contribuindo para a sua liberdade. A literatura amplia as possibilidades de comunicação quando corrige os defeitos da linguagem, purificando a língua. Por ser livre, a literatura opõe-se ao

poder e se apresenta com muitas facetas porque reflete, transgri-
de, deturpa, amplia, reduz, instiga, dinamiza, mobiliza e revela.
E tudo isso ultrapassa as paredes da sala de aula, ganha a rua, a
vida, o mundo.

Entende-se, infelizmente, que a literatura está fechada nos
livros didáticos, encarcerada feito uma prisioneira. Quando sai, é
temida, olhada pelo canto dos olhos, mal compreendida, mas é a
nossa própria vida em palavras. Está presente nas nossas crenças,
costumes, falares e ações. Faz parte da vida. Até brincando, esta-
mos produzindo-a. E seu caráter inventivo possibilita a criação
e alimentação dos nossos sonhos e devaneios. Todo ser humano
sonha, idealiza. A literatura é uma importante possibilidade de
sonhar, de crer, de criar expectativas.

A. F.: **Quais foram suas conclusões com sua dissertação?
Gostaria que as compartilhasse conosco.**

F. G.: A pesquisa propôs promover ações visando à forma-
ção leitora dos adolescentes a partir de sua concepção e de seu his-
tórico de leitores, valorizando a realidade histórica e sociocultural
em que estão inseridos, com o objetivo de desenvolver e apri-
morar sua formação leitora, e reconhecendo a biblioteca como
importante espaço de promoção do letramento literário no am-
biente escolar e o professor como mediador desse tipo de leitura.

Nessa perspectiva, buscamos nas teorias literárias a funda-
mentação necessária para sustentar não só o trabalho de investi-
gação, mas também a prática leitora. O diferencial deste projeto
de pesquisa foi a articulação entre a teoria e a prática e sua aplica-
ção na sala de aula. Assim, em lugar da mera utilização do texto
literário para sustentar o ensino da gramática e a indicação de
livros de literatura pautada no gosto do professor e na exigência
de títulos indicados pelos concursos vestibulares, constituindo-se
num trabalho que não se ampliava para outras discussões e cujos
resultados de leitura se limitavam a preenchimento de fichas e
à produção de resumos, foi possível construir ações inovadoras e
metodologias diferenciadas para estimular a prática da leitura li-
terária.

Os resultados apresentados foram considerados significati-
vos, uma vez que os adolescentes se mostraram entusiasmados e
interessados, e se envolveram em todas as atividades lúdicas pro-

*Com quantos livros
se faz um leitor?
Novos desafios em
literatura, leitura e
formação do leitor*

*How to form a
successful reader?
New challenges in li-
terature, reading and
reader formation*

postas na intervenção. As metodologias aplicadas foram coerentes com os anseios dos alunos.

A pesquisa contribuiu efetivamente para a minha atitude pedagógica no trato com a literatura infantojuvenil, situando-me como professor-mediador da leitura literária, como elemento provocador do desejo de ler e de escrever, estimulando a busca pelo conhecimento e a criatividade, oportunizando a reflexão e a oralidade, promovendo situações de leitura, estimulando a produção escrita, envolvendo os alunos em práticas discursivas e mobilizando-os para o trabalho coletivo.

Entendi que a metodologia do ensino de literatura precisa ser conduzida de forma dinâmica, criativa e inovadora com foco na ludicidade e no dinamismo. Letramento é esse processo é contínuo. A cada etapa se descortinam outras. É necessário reinventar a roda a cada dia, porque as necessidades de leitura, a cada dia se modificam e instigam o professor a buscar sempre mais o seu aperfeiçoamento para atender às constantes exigências do mundo moderno.

2. LITERATURA, LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR

Alexandre Fonseca: **Primeiramente, gostaria de agradecer sua colaboração com essa entrevista. Professor, o que o levou a ministrar uma disciplina nomeada “Leitura, Literatura e formação do leitor”?**

Alex Jardim: A ideia era utilizar a disciplina para tratar de um tema imprescindível nas discussões no âmbito da literatura (mas não só dela). A perspectiva, ao problematizar o tema da disciplina, é pensar o leitor que é formado no ensino superior, qual a sua relação de afeto com a literatura. Muito mais que entender os procedimentos técnicos para o exercício da leitura e sua importância na formação do leitor, a minha proposta na disciplina é apontar a crítica a uma determinada concepção de literatura, além da proposta de pensar a literatura enquanto experiência estética.

A. F.: **Na obra *Mil Platôs*, precisamente no capítulo “Introdução ao rizoma”, obra referenciada na sua disciplina do mestrado, Gilles Deleuze e Felix Guattari afirmam que o livro**

não é a imagem do mundo. Qual seria a imagem do livro?

A. J.: Deleuze e Guattarri afirmam que o livro não é a imagem do mundo, porque para eles o livro não pode ser o resultado de um conjunto de representações ou expressão das coisas enquanto mero reconhecimento. Parafraseando Deleuze, ‘um livro não pode ser o resultado de suas neuroses’. O livro é o efeito de um processo de criação, de violência, de devires, sejam eles os mais inusitados. Não há criação sem violência. Um livro não pode ser o resultado de uma operação natural da razão, uma reconhecimento. Um livro envolve uma potência, um conjunto de forças que afetam o escritor. E o mais incrível, quando o leitor abre o livro, ele não faz ideia da qualidade e da quantidade de forças que irão violentá-lo. Para isso é preciso uma sensibilidade, uma percepção. E essa percepção não se ensina. É um exercício cotidiano, mas não tem como determinarmos quando, como, de que forma essas forças me afetarão. Novamente falando, é uma questão de sensibilidade. Daí a impossibilidade de falarmos de certa imagem do livro. Quem sabe o livro não possa ser pensando enquanto ‘pensamento sem imagem’?

A. F.: Blanchot, por sua vez, nos comunica que precisamos de uma chave (dom) para podermos apreciar certas artes, como a música e a pintura. Para apreciarmos a literatura quais seriam os dons ou o dom necessários?

A. J.: De certa forma, falei sobre isso na resposta anterior. Estamos envolvidos num processo de ensino-aprendizagem perverso e meramente tecnocrático. Interessa às escolas e universidades, a quantidade de livros que lemos, em qual característica o livro ou a escrita se encaixa. Há uma necessidade atroz de se fazer algo que chamo de ‘taxonomia literária’. Não que isso deixe de ser importante, mas é o menos importante diante da possibilidade em fazer da literatura uma produtora de problemas, logo, de pensamento. Sinto falta, em sala de aula, entre professores e alunos, de uma leitura que não seja mero reconhecimento. Tal prática reforça a tese da aprendizagem como reprodução. O que observo é que a Universidade, a cada ano, forma tecnocratas, mesmo sendo da área de humanas. Esse tipo de aluno não me interessa, muito menos esse tipo de professor. Não adianta ler Guimarães Rosa, Raduan Nassar, Clarice Lispector, Gregório de Mattos, Machado

*Com quantos livros se faz um leitor?
Novos desafios em literatura, leitura e formação do leitor*

*How to form a successful reader?
New challenges in literature, reading and reader formation*

de Assis e tantos outros e estabelecer com eles uma relação de reconhecimento e reprodução. O que me interessaria mais é fazer implicações, problematizações, invenções, fabulações. O resto se aprende em qualquer bom manual de literatura. Mas como já disse, é preciso uma certa abertura, uma certa disposição para a leitura, só assim a força do texto literário transvasará o nosso espírito.

A. F.: Ainda com Blanchot. O que seria o alívio proporcionado pelo leitor ao ler uma obra?

A. J.: Acredito que o grande desafio do leitor é fazer da leitura uma contemplação. E contemplar é o mesmo que pensar, fazer implicações, agenciamentos, constituir transversalidades. Não saberia dizer exatamente o que Blanchot quis dizer com o termo “alívio”. Para mim tem ficado cada vez mais evidente que a literatura é uma das poucas condições para uma certa experiência da liberdade. Gostaria de entender um pouco mais o significado do termo alívio tal como aponta Blanchot. Quem proporciona o alívio, o leitor? Alívio para quem?

A. F.: Na nossa sociedade (pós) moderna, a literatura ainda tem valor? Ou melhor, qual seria o valor da literatura nos tempos que correm?

A. J.: Eu não saberia dizer nada a respeito do que chamam de ‘pós-moderno’. Sinceramente, apesar dos esforços que faço, não entendo o uso do termo. A pós-modernidade vem estabelecer uma crítica à ideia de universalidade, de metanarrativas, etc. Temos três discursos universalizantes absolutamente poderosos: o Estado, a Religião e a Ciência. Quando esses discursos deixaram de ser preponderantes e *constituidores* de modos de existência? Logo, a tal falada pós-modernidade está longe da ideia de ‘fragmentação’, em especial desses três discursos que indiquei. Em relação ao ‘valor’ da literatura, essa questão é bastante capciosa e cheia de armadilhas. Se a ideia de valor é relacioná-la com aquilo que é útil, realmente ficaria difícil uma certa defesa. O pragmatismo ainda se impõe enquanto condição da existência. A literatura (se assim podemos denominá-la) de auto-ajuda tem um valor pragmático. É uma literatura carregada de princípios moralizantes, cheia de palavras de ordem (por vezes discreta), com a intenção de estabelecer formas de conduta, procedimentos, ou seja,

reforçar a imagem de um eu, de uma consciência. Essa literatura cresce na proporcionalidade de uma forma cultural que também se expande, de um tipo de indivíduo que estamos vendo por aí, no dia a dia, que consome esses livros. É como se fosse uma praga que encontra o terreno propício para o seu pleno desenvolvimento. É uma literatura que utiliza de um certo psicologismo para capturar seus leitores. Essa literatura envolve milhões de dólares pelo mundo afora. Ela acaba exercendo o ‘papel pastoral’ para um certo tipo de leitor. Isso é terrível, deplorável. A ‘grande literatura’, por outro lado, ao nos apresentar questões e problemas, força o pensamento violentamente, nos retirando do senso comum. Essa literatura faz mal porque flerta com o exercício da liberdade. A partir daí, tirem as próprias conclusões...

A. F.: Qual o dever do leitor e do escritor? E, claro, e da literatura...

A. J.: Entraremos no plano dos fluxos e se falamos de fluxo, encontraremos como contraponto o segmento, a linha dura. O dever é o que temos de fabuloso na escrita. É quando, tanto leitor como escritor abandonam seus planos de organização (lembrando o Deleuze), e se entregam ao mundo que eles inventam. Não se trata mais de fazer da escrita uma expressão do vivível; um relato de uma determinada experiência particular. Escrever é sempre um processo, travessia, passagem. É estar sempre no meio. Isso é o dever da escrita, da literatura. O escritor experimenta vários devires: devir-animal, devir-mulher, devir-negro, devir-imigrante, devir-índio, devir-vegetal, devir-jagunço, etc. Esses devires implicam experimentar a existência dos afetos que perpassam cada modo, cada prática. Importante salientar e para isso eu indico o texto *A literatura e a vida*, do Deleuze. Devir não significa imitar e muito menos interpretar. Na verdade, o dever (tornar-se) é como se fosse a experimentação de uma potência qualquer. Uma potência que dissolve qualquer pessoalidade, essência ou índices do ego.

A. F.: É necessário que o autor estabeleça algum pacto com o leitor? Ou vice-versa...

A. J.: Não acredito na ideia de pacto. Penso que o autor não sabe muito bem que tipo de leitor encontrará. Claro que ele, o escritor, deseja ser lido, mas não sabe por quem e nem quais os

Com quantos livros se faz um leitor? Novos desafios em literatura, leitura e formação do leitor

How to form a successful reader? New challenges in literature, reading and reader formation

efeitos da leitura. Essa onisciência é impossível, pelo menos no que diz respeito à literatura de que falamos nessa conversa. Para falar a verdade, o escritor também não sabe quais os efeitos da sua escrita. Tanto escritor e leitor experimentam à sua maneira o texto: à maneira do escritor e à maneira do leitor. Não falo de um mergulho profundo num tipo de interioridade, muito pelo contrário, o que me chama a atenção é uma ‘literatura de superfície’, uma literatura que me afete diretamente. Afeta meu corpo, minha vida, meu espírito (sem necessariamente separá-los). É difícil mensurar, melhor dizendo, é impossível mensurar o grau de afetação de uma obra. O leitor faz da leitura um acontecimento. E aqui, o autor não interessa mais.

A. F.: Conforme a “tradição”, cabe ao autor apresentar ao leitor a história e o narrador. O leitor apresenta algo para o autor ou a relação é unilateral? O texto é aceito de forma passiva pelo leitor?

A. J.: A sua pergunta é divertida e vai de encontro com aquilo que justamente procuro desfazer com os meus alunos. Para mim, pouco interessa o autor e a sua intencionalidade na obra. Minha pesquisa atual é justamente uma crítica a essa perspectiva fenomenológica na literatura, isto é, uma necessidade que muitos leitores possuem em buscar coisa do tipo: “o que o autor quis dizer?” O que ele pretendia? Quem é o autor?” Veja bem, o importante, no meu entendimento, é pensar como um texto me afeta; qual a potência de um texto; o que ele me faz pensar? Quais são os problemas que ele me apresenta. Enfim, um texto precisa pulsar. E obviamente esse texto jamais encontrará um leitor passivo. Não que esse leitor não exista. Tem aos montes por aí. Leitores que simplesmente ‘passam’ pelo texto. Quanto a isso, não há muito o que fazer.

A. F.: O que podemos entender como experiência de leitura “enfrentada” pelo leitor?

A. J.: É uma boa expressão essa que você utiliza: enfrentada. Enfrentar um texto não é nada fácil. O texto exige um rigor para a leitura (jamais podemos abandonar isso). Mas além desse rigor, há algo desconhecido que invade o leitor; que o dissolve em miríades e devires. Isso é ao mesmo tempo maravilhoso, mas também perigoso. Não há como se prevê os efeitos dessa experiência.

É um tipo de jogo de risco, de salto sobre o abismo.

A. F.: **O que seria a expressão “leitura literária” utilizada por Maurice Blanchot? Pode-se falar em leitura não literária?**

A. J.: A leitura literária é aquela que não implica necessariamente um objetivo. É uma leitura ‘sem função’, sem perspectiva pragmática. A leitura literária não se confunde com uma perspectiva técnica, bastante comum na crítica literária por exemplo. ‘Esse ler por ler’ não significa descaso com a leitura, muito menos ausência de intensidade entre o texto e o leitor. A ideia é escapar da mera técnica em função de uma outra maneira de contato com o texto literário. A pretensão é escapar da literatura como mera informação para uma literatura-experimentação. Essa pseudo-inutilidade é apenas uma forma de estabelecer a diferença entre as maneiras de aproximação e mergulho no texto. A leitura literária não possui uma finalidade. É justamente por isso que ela é visceral e intensa. A leitura literária não pode ser confundida por uma busca pela informação e não está condicionada à uma resposta qualquer. Essas últimas podemos encontrar nos bancos das escolas, nos cursinhos de pré-vestibular e infelizmente também encontramos nas Universidades. Parafraseando Blanchot, a leitura literária seria aquela sem ‘protocolos’; singular, sem os procedimentos de designação e significação bastante corriqueiros na dissecação de um texto literário. Essa prática decreta a morte do pensamento e o obviamente do leitor enquanto criador e inventor. Teremos então o leitor como aquele que simplesmente reconhece, reproduz. Teremos um leitor tagarela. Pior espécie não há.

A. F.: **No tópico “O horror do vazio”, presente no livro *Espaço Literário*, Blanchot comenta que “a obra é considerada boa, má, em vista à moral, às leis, aos diversos sistemas de valores etc”. Atualmente, o que seria considerado uma boa ou péssima obra?**

A. J.: Eu seria bastante pedante ou arrogante se apontasse o que seria uma boa ou má literatura. Como disse Lima Barreto, ‘ou a literatura me mata ou me dá o que eu peço dela’. De certa maneira, é um pouco isso. As pessoas ajuízam uma boa ou má literatura pelo que ela pode oferecer. O problema é justamente entender o que eu quero ler, o que eu busco. No caso do Lima Barreto, a literatura enquanto ‘escrita de si’ era fundamental

Com quantos livros se faz um leitor? Novos desafios em literatura, leitura e formação do leitor

How to form a successful reader? New challenges in literature, reading and reader formation

como meio dele se entender com o mundo, consigo e com os outros. Era sua linha de fuga, no sentido deleuzeano. As pessoas têm buscado respostas e há um tipo de literatura (a que mais me interessa), que não apresenta respostas, mas pelo contrário, cria problemas, constrói campos problemáticos que incomodam, inquietam e mais ainda, expandem o campo de percepção do leitor, despertando-lhe novas formas de sensibilidade. Essa literatura eu poderia chamar de ‘boa literatura’, segundo você me pergunta. Às outras, é mero entretenimento e são competentes nesse quesito, sem contar que tem uma relação estreita entre literatura/entretenimento e mercado/marketing.

A. F.: O leitor é um ser imutável? Qual o perfil do leitor desse século, e sua interação com a leitura...

A.J.: Claro que o leitor não é um ser imutável, afinal, quando ele se depara com um livro, com uma ‘grande literatura’, algo se passa de tal maneira que ele se modifica. Não há como ele passar por um grande texto literário sem que algo se modifique, se transforme. Ele não pode sair de um texto do mesmo jeito que entrou. Quando ao perfil do leitor do século XXI ainda é muito cedo para apontar alguma coisa. Na verdade eu nem sei falar sobre isso. Sou profundamente crítico em relação à qualidade desse leitor contemporâneo. Penso que cada vez mais o *marketing* vem tomando o lugar do pensamento, pior, o marketing, a propaganda, vem dizer às pessoas como elas devem pensar e agir. O *marketing* é uma das nossas metanarrativas. Por outro lado, a literatura brasileira contemporânea tem nos apresentado fantásticos escritores: Júlio Pessanha, Evandro Nascimento, Nuno Ramos, André Queiroz, Carlos de Brito e Mello, Alberto Martins, para ficarmos em alguns mais jovens, sem falar do Raduan Nassar, que no meu entendimento, produziu um dos mais belos textos literários que é o *Lavoura Arcaica*. Gosto muito também do Gonçalo Tavares e da Gabriela Llansol, ambos escritores portugueses. Enfim, nem tudo está perdido na escrita. Mas para senti-los, experimentá-los, precisamos de um leitor que se deixe afetar pela força da escrita desses autores que citei. E nem sempre esse tipo de literatura é agradável, afinal, ela nos coloca face a face com nossas próprias tragédias, nossos limites, nossas fragilidades. Na verdade, falo de uma literatura que faz passar a vida, sem disfarces.

A. F.: Quais suas perspectivas em relação ao estímulo de leitura em sala de aula?

A. J.: Particularmente não vivo muito em função de perspectivas. Tenho uma ideia bastante clara do atual quadro de professores, alunos e instituições. Como professor e educador, procuro estimular a leitura, a elaboração de questões, de problemas a partir da leitura realizada. Procuro falar da importância da escrita enquanto uma relação que o escritor estabelece com a existência, com a vida. Para mim, não há outra maneira. Mas é extremamente difícil, afinal, há um componente que se chama desejo. Despertar esse desejo é absolutamente difícil e complicado. Cansa e vou admitir que nem sempre tenho muita paciência. Muitas vezes tenho uma resposta muito negativa por parte dos alunos quando falo da importância da leitura e da escrita. Sinto que há um tipo de ‘espírito bovino’, de resignação, de acomodação. É essa a luta que travo cotidianamente, isto é, fazer com que o aluno abandone o seu torpor e experimente a força que um texto literário possui.

A. F.: Afinal, qual o leitor formado em sala de aula?

A. J.: Para não fugir de certa maneira do meu ceticismo, acho que tem sido o pior possível. A nossa formação desde as séries iniciais, em se tratando do envolvimento com a literatura, a produção de textos, a criação, não é estimulada. Não saberia dizer com maiores detalhes a respeito do ensino fundamental e médio, mas salvo raras exceções entre alunos e professores, acho que a coisa vai mal. E o retrato disso são os alunos do ensino superior, que às vezes mal sabem ler corretamente. Uma leitura correta é importante para o pleno entendimento do texto. Sem contar que o leitor formado em sala de aula é aquele tecnólogo que é preparado para ser aprovado no vestibular. Nesse processo de formação, os estabelecimentos de ensino e toda a complexidade que o envolve confunde conhecimento com pensamento. E o resultado dessa falta de entendimento é fundamental para termos alunos que mergulham cada vez mais fundo no mundo da besteira e da tolice. Algo no mundo vai mal; ele está doente. E o leitor que temos é índice sintomatológico desse mundo. E neste caso, novamente recorro a Deleuze: “a literatura aparece então como um empreendimento de saúde”, a sua ‘função fabuladora’

*Com quantos livros se faz um leitor?
Novos desafios em literatura, leitura e formação do leitor*

*How to form a successful reader?
New challenges in literature, reading and reader formation*

tem as condições de, pelas vias da criação, produzir novos modos de vida, novas maneiras de viver, outros deslocamentos, enfim, a literatura faz passar e/ou ela dá passagem à vida e tudo que a compõe.

Entrevistas realizadas por e-mail.
Montes Claros (MG), 06 de novembro de 2015.

*Alexandre Manoel
Fonseca*

334